

Nos caminhos do pai: influências de Francisco Palmério na formação do escritor Mário Palmério

André Azevedo da Fonseca*

Resumo

O artigo traça uma biografia de Francisco Palmério (1867-1947), pai do escritor mineiro Mário Palmério (1916-1996) – autor de **Vila dos Confins** (1956) e **Chapadão do Bugre** (1965). Através de fontes primárias e análise documental, a pesquisa desenvolve interpretações sobre as influências paternas de caráter moral, cultural, intelectual e profissional que marcaram a primeira geração da família Palmério no Brasil e, particularmente, condicionaram as experiências que mais tarde seriam ressignificadas na obra literária e na trajetória pessoal de Mário Palmério. Notamos que as permanentes viagens a trabalho do pai e as suas diversas atividades profissionais favoreceram uma consciência familiar das particularidades da região. Essa experiência favoreceu a criação de vínculos econômicos, políticos e afetivos com a cultura regional e estimulou nos filhos um profundo conhecimento histórico e geográfico do Oeste mineiro. Além disso, o pai parece ter exercido uma profunda influência sobre os filhos no que diz respeito ao gosto pela política regional. O artigo desenvolve a hipótese de que todas essas experiências foram elementos presentes na formação de Mário Palmério e, mais tarde, apareceriam de modo explícito em sua literatura marcada pela descrição da natureza, do cotidiano e das intrigas políticas regionalistas.

Palavras-chave: Regionalismo; Literatura regionalista; Literatura mineira; Mário Palmério; **Vila dos Confins**; **Chapadão do Bugre**.

Mário Palmério (1916-1996) tornou-se um caso peculiar no contexto da moderna literatura brasileira. Autor de dois únicos livros – **Vila dos Confins** (1956) e **Chapadão do Bugre** (1965) – o escritor mineiro arrebatou a crítica e deslumbrou os leitores de seu tempo, certamente devido à exuberância de sua narrativa, mas sobretudo por causa da irresistível virilidade de sua prosa. Parece contraditório que um autor cujo tema central era a truculência dos coronéis da política no interior de Minas Gerais pudesse seduzir de tal modo aquele Brasil dos anos 1950 e 1960, que aspirava à modernidade, à civilidade e às novas delícias prometidas pelo ideal

* Universidade Estadual Paulista – UNESP.

urbano. Mas Mário Palmério, que nas palavras de Wilson Martins (1994) carregava um “instinto de literatura”, parecia transitar com naturalidade nas profundezas da cultura política brasileira, principalmente naqueles pântanos ocultos em que, por baixo da fina casca de civilização, borbulhava o gosto sádico pela brutalidade e pelo mandonismo. Ou seja, o universo da escrita de Palmério não deixava de espelhar os fundamentos culturais que ainda legitimavam as relações violentas que constituíam a emergente e desigual sociedade urbana brasileira.



Figura 1 – Retrato de Francisco Palmério (s/d)

Publicado em 1956 pela editora José Olympio, **Vila dos Confins** trouxe uma relevante contribuição para a literatura brasileira. A autenticidade no uso do vocabulário sertanejo, o cuidado na descrição geográfica e a intimidade com o cotidiano do homem interiorano se entrelaçaram em um testemunho legítimo da cultura de povoações esquecidas dos confins do Brasil. Paralelo à exuberância impressionista na descrição do sertão, o autor relatou minúcias das lutas políticas em currais eleitorais. E ele tinha muito a dizer. Quando publicou **Vila dos Confins**, já havia cumprido seis anos de mandato e passara por duas campanhas eleitorais na região do Triângulo Mineiro. Essa vivência serviu de matéria-prima para muitas anotações originais: o próprio escritor garantia que a obra “nasceu relatório,

creceu crônica e acabou romance”. Palmério lançaria ainda, em 1965, o romance **Chapadão do Bugre**, inspirado em uma chacina política ocorrida no começo do século XX, na cidade de Passos – MG. A descrição linguística e o relato dos costumes políticos regionais mais uma vez foram bem recebidos pela crítica. Em 1968, ele foi eleito para a vaga de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras – ABL –, endossando assim o reconhecimento de sua contribuição para a história da literatura brasileira.

Das inúmeras análises sobre a obra e a influência de Mário Palmério na história da literatura brasileira, tais como Houaiss (1958a e 1958b), Almeida (1968), Melo (1974), Salles Filho (1976), Hauila (1977), Bagatta (1981), Alves (1985), Frota (1988), Martins (1994), Fontes (2000), Micali (2003), Pedroso (2004), Assis (2007), Aidar (2008) e Vinaud (2008), nada se produziu a respeito da influência do pai, o imigrante italiano Francisco Palmério – um homem instruído que, no começo do século XX, desfrutou de considerável prestígio social no interior de Minas Gerais e vivenciou com intensidade o contexto de violência política dos currais eleitorais. Em uma tese no campo da História Cultural (FONSECA, 2011) o início da carreira política de Mário Palmério foi estudado com mais profundidade. Contudo, tendo em vista os objetivos da tese, as referências à influência paterna não foram o eixo do estudo. Esse artigo procura aprofundar as discussões estabelecidas naquele trabalho no que diz respeito à compreensão das influências de caráter moral, intelectual, cultural e profissional exercidas especificamente pelo pai do escritor Mário Palmério.

Naturalmente, é preciso ficar alerta contra aquilo que Marc Bloch chamou de “obsessão das origens” (BLOCH, 2001, p. 56). Ou seja, ao recuperar a trajetória do pai, estamos conscientes de que o conhecimento deste passado distante não elucida todas as motivações que inspiraram as ações posteriormente empreendidas pelo filho. Para Bloch, é preciso manter-se em guarda contra a tentação de presumir que “as origens são um começo que explica”. Por isso, não devemos confundir “filiação” com “explicação”; pois como ensina o antigo provérbio árabe: “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”. (BLOCH, 2011, p. 60). Feitas as ressalvas, a oportunidade de investigar a biografia de Francisco Palmério pode trazer indícios interessantes para a análise da formação literária do filho.

Os caminhos do pai

Francisco Luigi Vittorio Palmério, filho de Pasquale Palmério e de Elisa Orlando Cavalli, nasceu na comuna italiana de Torre de Passeri, na Itália, em 19

de julho de 1867 (ATTO, 1890). Situada na região de Abruzzo, na atual província de Pescara, na Itália Meridional, a pequena Torre de Passeri se estende por uma área de cinco quilômetros quadrados e faz fronteira com as comunas de Alanno, Bolognano, Castiglione a Casauria, Pietranico e Scafa. Ao terminar os estudos regulares, Francesco cursou a faculdade de Engenharia e decidiu procurar emprego no Brasil – um país que, naquela época, prometia grandes oportunidades a uma geração de europeus ansiosos por melhores condições de trabalho, tendo em vista as guerras internas que afligiam o continente. A família supõe que ele teria embarcado para o Brasil em 1890.¹

No final do século XIX os políticos mineiros discutiam a implementação de políticas imigratórias ao Estado (SILVA, 1998). Além do esforço pelo “branqueamento” da população, a imigração europeia foi uma das soluções encontradas para resolver o problema da mão-de-obra em um país que acabara de romper com o regime escravocrata. A partir de 1892, o governo de Minas chegaria a instituir uma série de leis e decretos para estimular e regulamentar os fluxos imigratórios por meio de subvenções e diversas outras facilidades (SILVA, 1998). No entanto, Francesco Palmério parece ter aportado no Brasil nas inúmeras iniciativas de imigração espontânea que antecederam aquela política oficial. Além disso, é importante ressaltar que, ao contrário da maioria dos imigrantes italianos, Francesco não foi buscar trabalho nas fazendas. Tendo em vista a sua formação profissional, era a área urbana que o interessava.

Como lembrou Heladir Silva, circulava na época a ideia de que os imigrantes da Itália meridional – como era o caso de Palmério – costumavam preferir a vida na cidade, enquanto que os habitantes da parte setentrional tendiam a buscar trabalho na área rural. Essa distinção preconceituosa fez com que muitos sulistas fossem rejeitados pelos fazendeiros, que os consideravam “negligentes, pouco afeitos ao trabalho e insubordinados” (SILVA, 1998, p. 111). De fato, imigrantes urbanos chegaram a sofrer forte discriminação pela imprensa e pelos fazendeiros em toda a região do Triângulo Mineiro.

Em março de 1893 Francisco Palmério obteve o registro oficial de engenheiro perante o Ministério da Viação, Indústria e Obras Públicas do Governo Federal (PRO VERITAS, 1902). A partir daí, o próprio itinerário do imigrante italiano

1 - Para traçar a trajetória de Francisco Palmério no Brasil, partimos de duas versões de uma carta do filho José Palmério endereçada a Lídia Palmério, datada em 19/10/1993, em São José dos Campos. Nesse documento, José esboça uma cronologia geral, ainda que admita não possuir qualquer documento a respeito. As datas mencionadas foram conferidas através de consulta em certidões diversas e, para cada cidade, procuramos identificar, em documentos das prefeituras, os eventos que coincidissem com o relato do filho e confirmassem o contexto. Documento disponível no Acervo do Centro de Documentação Mário Palmério, na Universidade de Uberaba.

pelo interior de Minas Gerais parece sugerir as atividades profissionais que ele provavelmente exerceu no Brasil. Em novembro deste ano Palmério morou em São João Nepomuceno – MG – e se casou com a brasileira e filha de portugueses Maria da Glória Ascensão no município vizinho de Rio Novo – MG –, na região da Zona da Mata mineira (CERTIDÃO, 1989). Essas pequenas cidades gravitavam em torno de Juiz de Fora, um importante centro econômico regional que, naquele período, intensificava o seu processo de industrialização. Em fins do século XIX havia um notável esforço das elites juizforanas para promover melhorias nas vias de acesso aos mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além disso, as necessidades econômicas advindas da expansão das lavouras de café no Vale do Paraíba estimularam a ligação dos paulistas com a Zona da Mata, pois os proprietários rurais estavam interessados no abundante minério de ferro daquela região (MENEZES, 2003). Essa dinâmica estimulou a construção de uma complexa malha rodoviária e ferroviária e, evidentemente, demandou muita mão-de-obra especializada. Deste modo, é bastante provável que Francesco tenha trabalhado nas inúmeras obras de infraestrutura que movimentavam a economia mineira naquele período.

Aparentemente, a trajetória de Palmério pelo Estado de Minas Gerais foi traçada sempre em sentido Oeste. Segundo o filho José Palmério, Francesco também teria residido em São João Del Rei e em Barbacena, na região de Campo das Vertentes. No final do século XIX, o italiano já havia se movimentado ao Centro Oeste mineiro para executar a planta do município de Dorés do Indaiá, em um trabalho que serviu de ponto de partida para a remodelação da cidade, empreendida na gestão do agente executivo Antônio Zacarias da Silva, entre 1894 a 1905 (OLIVEIRA, 2008, p. 43). Algum tempo depois Palmério estaria trabalhando em Carmo do Paranaíba, na região do Alto Paranaíba, onde nasceriam os filhos Francisco de Paulo (1896), José (1900) e Félix (1901). Nesse período, em busca de novas oportunidades de trabalho, o italiano obteve uma autorização para atuar como advogado – profissão que, mais tarde, ocuparia a maior parte de seu tempo. Porém, continuando o itinerário rumo ao Oeste, em novembro de 1901 o italiano transferiu-se para Sacramento, no Triângulo Mineiro (PALMÉRIO, 1903). Lá nasceriam os filhos Maria Eliza (1903), Maria Lourencina (1904) e Eduardo (1906). A primeira morreria aos dois meses de idade, devido a uma “influenza rebelde” (ANJO, 1903, p. 3).

Em pouco tempo, o imigrante se tornaria um homem de prestígio em Sacramento. Logo que chegou, o engenheiro propôs a execução do desenho da planta cadastral do território da cidade, assim como o planejamento orçamentário

das obras de abastecimento de água do município (JACOB, 2006, p. 197). Além disso, de acordo com uma série de anúncios publicados na imprensa da época, seu escritório de engenharia e advocacia prestava serviço em toda a região nas áreas “cíveis, comerciais, orfanológicas e criminais” e contava com o apoio de “habilísimos advogados e procuradores” em Belo Horizonte para resolver “todo e qualquer serviço perante o Tribunal” (ESCRITÓRIO, 1902, p. 3). Há registros de que Palmério foi também professor no colégio Miranda (BRETTAS, 2007). Por fim, um elemento que bem simbolizou o status social alcançado por este italiano foi a obtenção de uma patente na Guarda Nacional, conquistada em fins de 1902 (CIDADE, 1902b, p. 3). A partir daí, o engenheiro e advogado Francisco Palmério – com “i”, como passara a assinar, e como o chamaremos a partir de agora – ostentaria o título de Tenente Coronel até mesmo no papel timbrado de seu escritório.

Habilidade na escrita

Uma dimensão particularmente representativa da personalidade deste imigrante foi o seu envolvimento cada vez mais intenso na vida política local. Em novembro de 1902, Palmério foi convidado para assumir o cargo de diretor e redator do jornal **Cidade do Sacramento**, um semanário situacionista criado para defender o grupo ligado ao Partido Republicano Mineiro – PRM – de Sacramento e especialmente a figura do agente executivo, Coronel José Affonso de Almeida – seu amigo particular (UMA EXPLICAÇÃO, 1903, p. 1). É notável a rapidez com que o italiano aprendera a escrever – e bem! – em português. Evidentemente, o lançamento deste semanário acirrou ainda mais a hostilidade do grupo de opositores que, liderados pelo Major Manoel Fidélis Borges, se expressavam de forma exaltada pelo **Gazeta do Sacramento**, periódico redigido pelo polêmico João Gomes Vieira de Mello. Para cumprir a tarefa de rebater as acusações e insinuações do **Gazeta**, Palmério criou, no **Cidade do Sacramento**, a coluna **Pro Veritas**. Em um primeiro momento, o italiano procurava apenas ironizar e desqualificar as ofensivas do rival: “Sentimos mais porque se o colega local, tivesse alguma dose de juízo, em vez de propalar logo toda e qualquer caraminhola que lhe põem na cachola, trataria de indagar primeiramente a veracidade e autenticidade da notícia.” (PRO VERITAS, 1902, p. 3) Contudo, em pouco tempo as réplicas e provocações de seu jornal também se tornariam extremamente hostis.

Por exemplo: em dezembro de 1902 foi noticiado que um bando de jagunços armados haviam invadido a casa de um redator do **Gazeta** e, em seguida,

teriam desfilado impunemente pelo município, disparando suas carabinas, afrontando autoridades e aterrorizando os habitantes (SEM COMENTÁRIOS, 1902). Imediatamente, Vieira de Melo insinuou que o grupo situacionista havia encomendado essa baderna como represália ao grupo opositor. Mas pouco tempo depois, Francisco Palmério passou a defender que o suposto empastelamento das oficinas do **Gazeta** havia sido uma “farsa ignóbil, uma farsa covarde” que, ao tentar difamar a administração municipal, apenas provocara “o asco e a indignação da parte sã da sociedade sacramentana que sente-se profundamente rebelada contra essa meia dúzia de tipos cínicos e sem pudor, que vive diariamente, a cavar a ruína, a completa desmoralização do nosso meio!” (FARÇA, 1903, p. 1).

Todavia, ao vincular-se de maneira tão categórica ao grupo situacionista, Palmério passou a ser, ele mesmo, alvo de afrontas cada vez mais agressivas nas lutas de representações travadas entre os grupos opositores. Na metáfora do **Cidade do Sacramento**, o italiano se tornaria uma “vítima amarrada no pelourinho da Gazeta” (MANIFESTAÇÕES, 1902, p. 4), pois o redator do jornal adversário decidira descarregar sobre o estrangeiro “toda a bilis do seu caráter rancoroso e violento” (PALMÉRIO, 1903, p. 1). Para desqualificar a figura de Francisco Palmério, Vieira de Melo começou a insinuar, por exemplo, que o imigrante italiano não tinha nenhum título científico que o habilitasse à profissão de engenheiro. Diante da provocação, Palmério exibiu o seu diploma profissional em audiência pública perante o juiz e, para confirmar seu renome, publicou no **Cidade do Sacramento** uma longa lista das personalidades locais que o apoiavam (PRO VERITAS, 1902). Em outra ocasião, para responder às “invectivas” que o jornal opositor lançava contra o grupo situacionista, Palmério participou de uma reunião na casa do presidente do PRM local, o Tenente Coronel George Tormin, para protestar “contra o desabrido atrevimento do sanhudo redator da Gazeta”. Mas esses atos de desagravo não adiantaram muita coisa, pois as ofensas do **Gazeta** se intensificaram ainda mais.

Aparentemente, o momento que mais irritou o italiano foi quando Vieira de Melo acusou o imigrante de ter falsificado certo documento judicial. Esta última “calúnia” foi o pretexto para que Palmério escrevesse um longo artigo descarregando todo o seu rancor contra o redator do **Gazeta**. Na eloquência do italiano, Vieira de Melo foi descrito como um homem capaz de quaisquer baixezas, pois açoitara “a honra, a dignidade e a reputação” de diversas personalidades sacramentanas; propagara “grosseiros insultos” contra os “honrados vereadores”; cometera “violentos desacatos” contra o juiz da comarca e publicara “mentirosas acusações” para “manchar a reputação e prestígio” dos líderes políticos locais.

O fato de procurar defender-me das injustas quão indignas acusações e injúrias, que me são movidas por um despeitado, não dão direito aos amigos dele à acompanhá-lo na inglória perseguição da qual sou vítima e alvo, e ninguém pode tirar-me o direito de defender-me, porque se o não fizesse, teria vergonha dos meus próprios filhos e da minha própria mulher, que são brasileiros, como os meus detratores, como os meus inimigos. Estes citam a minha nacionalidade como acinte, sem saberem os desgraçados, que a virtude e a honra não tiveram por berço um lugar única e predestinado, que a seleção moral não formou até hoje, nem há de formar em tempo algum, privilégio deste ou daquele país, deste ou daquele povo (...).

Podes chamar-me de calabrez, de embusteiro, de burro, de salteador, de assassino; podes chamar-me como quiseres, podes no teu jornal fazer contra a mim a propaganda que intenderes: terei sempre a honra de julgar-me superior a ti e votar-te-ei sempre ao mais solene e profundo desprezo. (MANIFESTAÇÕES, 1902, p. 4)

A partir daí, com o orgulho definitivamente ferido, Palmério aumentaria cada vez mais o tom de seus insultos diretos e indiretos a Vieira de Melo. Vale a pena recuperarmos mais um ou dois trechos de seus artigos; pois, além de indicar algumas pistas sobre seu temperamento, a fúria deste italiano ultrajado acabou por estimular a criação de uma verdadeira obra-prima na arte da descompostura:

A cachorrada vadia deve ter um refreio. Cada cidadão deve ser um fiscal, armado de um pau com que possa quebrar-lhe os dentes, à primeira investida. Os cães danados são perigosos, a raiva canina é, quase sempre, de consequências lastimáveis. E os cães que mordem a honra e procuram enxovalhar as reputações são os da pior espécie. Eles ladram indistintamente ao primeiro que passa, contanto que seja um homem sério e tenha uma tradição e uma responsabilidade a zelar.

Incomoda-os, sobretudo, a claridade da lua. Preferem as trevas, que lhes favorecem o ladrir impune. (...)

Há, infelizmente, em o nosso meio, desses indivíduos covardes e baixos até a selvageria. Causa-lhes nojo a brancura do lírio e inspira-lhes ódio o rosicler da aurora.

Depois de terem perdido a noção de todos os sentimentos nobres, comprazem-se em vazar as suas atrabilis contra todos os homens sensatos e criteriosos, honestos e de bem.

Basta que esses não lhes dêem confiança e os abandonem à sua própria miséria.

Os escorralhos sociais, gangrenados como as pústulas que lhes ulceram a alma, atormentados pelas cócegas que lhes põem em desassossego a extremidade do cóccix, rastejam, como vermes, pelo saibro, no espasmo da dessexuação e da loucura! (INFÂMIA, 1903, p. 1)

Tendo em vista que Vieira de Melo era apenas o porta-voz de Fidélis Borges – ou, em outras palavras, um “testa-de-ferro” da oposição, Palmério passou a atacar todas as representações sociais que poderiam ser associadas pejorativamente ao redator do **Gazeta**.

Vê-los-eis, vagabundos, sem imputabilidade, enchendo as ruas de pernas, fedelhos, cuja irresponsabilidade é assumida por tipos sem pudor, idiotas, que se fiam na idiotia para, revelando a educação que tiveram, desprezarem a cidadãos distintíssimos, e, entre eles, um morto!

São testas-de-ferro os miseráveis, saídos das cloacas para o enxurro das pasquinadas, onde atassalha-se a honra, dando de si mesmos a cópia do que valem e do que são!

Testas-de-ferro são ainda os imbecis que arrastam os esqueletos pela cidade, onde erram entre os vivos, como cadáveres morais.

Testas-de-ferro, sim! Pior do que isto, doidos, que um dia terão a sua recompensa no enclausuramento de um asilo qualquer, se pior coisa não lhes acontecer!

Testas-de-ferro toda essa corja roída pelo despeito e pela inveja, incapaz de produzir outra coisa que não o vômito de uma sentina, e que esbraveja, por isto mesmo, na impotência da sua raiva!
(TESTAS DE FERRO, 1903, p. 2)

De acordo com Jacob (2006, p. 198), os ataques à reputação de Vieira de Melo foram tão intensos que o redator do **Gazeta** preferiu deixar o município de Sacramento. Pouco depois, o jornal opositor deixaria de circular. Não deixa de ser curioso observar que, entre os desafetos de Francisco Palmério, encontrava-se o vereador Eurípedes Barsanulfo – colaborador do **Gazeta do Sacramento** e, mais tarde, um dos mais célebres propagadores da religião espírita na região. É importante notar que o italiano mantinha um discurso católico fervoroso em seu jornal. Ou seja, talvez também devido a uma divergência entre crenças, Palmério e Barsanulfo se tornaram antagonistas irreconciliáveis, como veremos adiante.

Segundo o relato publicado no **Cidade do Sacramento**, no dia 1º de agosto de 1903, Francisco Palmério sofreu um atentado à bala. De acordo com o jornal, o italiano deparou-se com um homem a cavalo que imediatamente sacou uma garrucha e disse: “–Você deve hoje morrer”. (O ATENTADO, 1903, p. 2). O capanga apertou o gatilho, no entanto a espoleta negou fogo. Como não estava armado naquele momento, Palmério chegou a perguntar: “– Por que me matas? Que mal eu te fiz?” (O ATENTADO, 1903, p. 2).

Para não ser alvejado por outros disparos, o italiano jogou o corpo para frente mas, por infelicidade, caiu na calçada. O jagunço chegou a virar para calcular o

próximo tiro, porém o cavalo não obedeceu à rédea, porque a sarjeta atrapalhou seus movimentos. Imediatamente, Palmério levantou-se e, escapando de mais um disparo, correu para a casa do Coronel Neca França para munir-se de armas. Mas o capanga conseguiu fugir a galope.

Algumas manifestações foram organizadas para apoiar Francisco Palmério perante o atentado. A Câmara Municipal aprovou um desagravo oficial e diversas lideranças políticas manifestaram apoio. Contudo, o italiano parece ter ficado abalado com o caso. Provavelmente ele não esperava que o seu envolvimento nas disputas políticas chegaria tão longe. No dia 29 de agosto, o jornal noticiou que Palmério estava doente (DR. FRANCISCO, 1903a, p. 2). No dia 12 de setembro, o italiano se transferiu temporariamente para Araxá, sob o pretexto de desempenhar um serviço advocatício. Palmério regressaria a Sacramento apenas no dia 16 de outubro (DR. FRANCISCO, 1903B, p. 3), mas duas semanas depois estaria de volta a Araxá (CIDADE, 1903). Finalmente, no dia 15 de novembro, um longo editorial comemorava o primeiro aniversário do jornal; contudo, nessa mesma edição, o italiano anunciou que, devido a “motivos independentes de minha vontade” e outros “afazeres profissionais”, estava deixando o cargo de diretor do jornal (Á REDAÇÃO, 1903, p. 3).

Ainda assim, as rixas pessoais entre Palmério e Barsanulfo permaneceriam agitando o cotidiano local. Em setembro de 1905, a Câmara Municipal apreciou um parecer de uma comissão encarregada de examinar os serviços realizados pela equipe de Palmério em uma rua da cidade. Imediatamente, Barsanulfo posicionou-se “frontalmente desfavorável” à obra: para o vereador, as benfeitorias não haviam sido executadas adequadamente, de forma que seria “uma vergonha” se a Câmara as aceitasse. Todavia, o Agente Executivo José Afonso de Almeida – amigo pessoal de Francisco – não deu razão a Barsanulfo e se pôs de acordo com o parecer (JACÓB, 2006, p. 199).

Em maio de 1906, Palmério fez uma proposta aparentemente corriqueira, sugerindo que a Câmara colocasse uma imagem de Cristo no salão do edifício – prática bastante comum na época. Entretanto, em nome de um “princípio de liberdade espiritual”, Barsanulfo insurgiu-se contra essa sugestão e, criticando ferozmente a cultura da idolatria, defendeu que a instalação de uma imagem religiosa na Câmara seria um “desrespeito, um ludíbrio às leis da República, um desprestígio inqualificável ao Estado, um achincalhe indefinível”, tendo em vista que o governo não tinha religião oficial, porque, “queiram ou não queiram, o estado é ateu”. Deste modo, vemos que a rejeição que o grupo partidário ligado ao extinto **Gazeta do Sacramento** direcionava ao italiano Francisco Palmério ainda permanecia bem vivo.

Sociabilidades regionais

Se nas acirradas disputas da cena política local a figura de Francisco Palmério oscilou entre os extremos do prestígio e do repúdio, no âmbito regional o italiano acabou conquistando status e consideração social – primeiramente por causa de suas atividades como engenheiro, agrimensor e advogado, e, também, devido à visibilidade advinda do cargo de diretor do **Cidade do Sacramento**. Assim, a despeito daquelas violentas lutas de representações do coronelismo sacramentano, Palmério participou de uma animada rede de relacionamentos da imprensa regional e não deixou de desfrutar do circuito de amabilidades que os jornais interioranos haviam estabelecido para que cada um confirmasse a importância do outro.

Durante o período em que ocupou o cargo no jornal, Palmério trocou gentilezas com diversos periódicos da imprensa mineira. Em novembro de 1902, por exemplo, o jornal publicou entusiasmadas menções elogiosas ao anuário **Almanaque Uberabense**, um “elegante e bem impresso livro” organizado pelos “conhecidos e talentosos” Deocesiano Vieira e Aredia de Sá. “Variadíssima e interessante é a parte literária e numerosíssimas e completas todas as informações e esclarecimentos concernentes ao desenvolvimento material e moral da encantadora princesa do Triângulo Mineiro”, escreveu Palmério. “Agradecendo a delicadeza do oferecimento, apresentamos parabéns à vizinha e próspera cidade por possuir um Almanaque que muito a eleva perante o conceito das importantes cidades brasileiras.” (ALMANAK, 1902, p. 2). Quando um amigo de Palmério tornou-se correspondente em Barretos – SP – do jornal uberabense **Lavoura e Comércio**, o **Cidade do Sacramento** fez questão de publicar uma nota. “Damos parabéns ao ‘**Lavoura e Comércio**’ pela brilhante aquisição que fez do Cel. Olavo de Carvalho, para seu correspondente naquela zona” (CIDADE, 1903a, p. 3). Em outra ocasião, o redator do **Cidade do Sacramento** celebrou o lançamento do **Correio de Minas**, um semanário lançado na “adiantada” localidade de Mar da Espanha – município localizado na Zona da Mata mineira. Nas palavras de Palmério, o novo jornal “virá pugnar pelo engrandecimento e triunfo de todos os princípios da democracia republicana” (CORREIO, 1903, p. 2).

O código de etiqueta que regia essa troca de menções elogiosas previa uma automática reciprocidade: ou seja, o objetivo de louvar era ser louvado; com isso, o jornal podia exibir aos conterrâneos uma medida do renome que desfrutava em outras praças. Assim, para repercutir e capitalizar os elogios endereçados ao **Cidade do Sacramento** pelos jornais da região, Palmério criou a sessão “Como fomos recebidos”. Essa coluna servia basicamente para reproduzir os comentários

elogiosos da imprensa regional a respeito de seu próprio jornal. Assim, de acordo com o jornal sacramentano, o próprio jornal **Minas Gerais** – o órgão oficial do Estado – noticiara que o **Cidade do Sacramento** era “um jornal bem feito e que atesta a competência do seu redator sr. dr. F. Palmério”. O jornal **Município de Caldas** teria publicado: “Tivemos o prazer de receber o primeiro número desta conceituada folha semanária (...) sob a competente direção do ilustrado engenheiro Sr. Francisco Palmério”. O uberabense **Correio Católico** também saudaria o jornal de Palmério, felicitando o “novo colega” de imprensa e desejando “longa e próspera carreira”. (COMO FOMOS RECEBIDOS, 1903, p. 2). O próprio **Lavoura e Comércio**, é claro, não deixou de louvar o colega, afirmando que aquele periódico alistara-se “no batalhão numeroso dos que combatem em prol do bem público e do engrandecimento pátrio”. (CIDADE, 1902, p. 2).

Além disso, o cargo de direção no jornal fez com que Francisco Palmério instituisse laços com diversas figuras proeminentes da política e da vida social de Uberaba, como o católico extremista João Teixeira Álvares – descrito como “uma das glórias mais pujantes da moderna geração de intelectuais” (HÓSPEDE, 1903, p. 3); o “ilustrado, honesto e provecto” advogado Buarque de Macedo (VISITA, 1902, p. 3); além de Borges Sampaio, ex-agente executivo de Uberaba, membro do Instituto Histórico e Geográfico Mineiro, que certa vez encaminhou a Palmério um estudo sobre a Igreja Matriz de Uberaba. “Pela leitura nos convencemos de que é um trabalho utilíssimo e de suma importância histórica, que mais uma vez vem confirmar a vasta erudição do venerando autor que o produziu” (IGREJA, 1903, p. 2). Deste modo, enaltecendo os periódicos das cidades vizinhas e, ao mesmo tempo, propagandeando em seu próprio jornal os elogios que os colegas lhe dirigiam, Palmério consolidou sua aceitação no circuito regional e passou a ser reconhecido e estimado pelas elites políticas e intelectuais do Triângulo Mineiro.

Sobre as ideias políticas de Palmério, podemos observar que, em síntese, ele demonstrava um apoio irrestrito aos mantenedores da república e, talvez para compensar sua condição de estrangeiro, procurava manifestar com entusiasmo seu patriotismo à nação brasileira.

Sejamos verdadeiros republicanos e verdadeiros patriotas, educando o nosso caráter cívico, purificando o nosso sentimento nacional, fortalecendo as nossas crenças liberais, concorrendo para o engrandecimento moral e material do nosso Brasil, e prestando o nosso apoio aos poderes constituídos, para que estes possam conservar-se sempre dignos dos nossos princípios constitucionais. (CIDADE, 1903)

Em 1911, as elites agrárias regionais planejaram a realização de um grande evento agropecuário em Uberaba para comemorar o centenário de um marco da história do povoamento da cidade. Para isso, encomendaram ao engenheiro Francisco Palmério a construção de uma vila de exposições. Segundo Lopes e Rezende (2001), as obras foram concluídas em apenas 40 dias. A vila caracterizou-se por uma arquitetura inspirada em traços orientais, contou com luz elétrica e foi adornada com um chafariz e uma cascata luminosa. Palmério aproveitou o pretexto e mudou-se com a família para Uberaba, onde nasceriam as filhas Lídia, Maria Dolores e Maria Elisa². Nas palavras do **Lavoura e Comércio**, Francisco Palmério empreendia um esforço “muçulmano” para levantar aquela “vila elegantíssima”, impressionando os setores da população uberabense que todas as tardes se dirigiam às obras para “admirar os caprichos da estética do ilustre engenheiro” (EXPOSIÇÃO, 1911, p. 1).

Segundo o relato de José Palmério, logo depois dessas obras, Francisco foi contratado pela Cia. Mogiana de Estradas de Ferro. Porém, não tardou para que uma vez mais ele precisasse ser transferido com a família para Monte Santo, no Sul de Minas, provavelmente para trabalhar nas obras do trecho Itiguassú-Monte Santo (1913). No ano seguinte, quando a ferrovia chegou a São Sebastião do Paraíso (1914), mais uma vez ele teve que se mudar. Nesta cidade, ele atuou também como advogado e professor de Matemática no mesmo Ginásio onde os filhos Félix e José estudavam.

Em princípios de 1916, aos 48 anos, Francisco foi morar em Monte Carmelo, no Triângulo Mineiro, onde atuou como delegado (RIBEIRO JÚNIOR, 2009). Foi neste município que, no dia 1º de março, nasceu Mário, o filho caçula. No entanto, pouco tempo depois, novas oportunidades de trabalho acabaram o levando novamente a Uberaba. Talvez cansados de tantas mudanças ocorridas devido à natureza do trabalho do pai – ou, quem sabe, apenas por causa de questões práticas e econômicas – o fato é que a família acabou por se instalar definitivamente nesta cidade que, no começo do século XX, ainda era o centro econômico do Triângulo Mineiro. Em Uberaba, o italiano chegou a edificar pelo menos dois palacetes de pecuaristas, como o de Arthur Castro Cunha, na Praça Rui Barbosa; e de Antônio Pedro Naves, na Rua Cel. Manoel Borges (FONTOURA, 2003). No entanto, Palmério ainda trabalhou em Patrocínio e em Araxá, medindo terras e advogando.

Para garantir o exercício da advocacia, Francisco decidiu matricular-se na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro. Para isso, mandou buscar toda a

2 - Os pais batizaram esta nova filha com o mesmo nome daquela que morrera em 1903, aos dois meses de idade, em Sacramento.

documentação escolar da Itália e se submeteu a exames complementares de Português, Latim, História e Geografia do Brasil, pois, obviamente, eram conteúdos que não estavam presentes nos currículos das escolas italianas. No estudo dessas matérias ele contou com a ajuda dos filhos – especialmente José Palmério, que na época tinha 18 anos. Os diplomas das disciplinas nacionais foram obtidos através de exames no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

Segundo o relato do filho, com a regularização dos documentos escolares, Francisco ingressou na faculdade no início de 1919, pouco antes de completar 52 anos, e se formou em 1924, aos 57 anos. Mas nesse período – e no decorrer de toda a década de 1920 – ele não deixaria de conciliar as duas atividades. Em 1922, por exemplo, Palmério anunciava seus serviços advocatícios na área civil e criminal nos foros de Monte Carmelo (OS ADVOGADOS, 1922). Além disso, ele chegou a fazer a planta do edifício da Santa Casa de Uberaba, que acabou não sendo executada pela elevada quantia da obra (MENDONÇA, 1974, p. 163). Em princípios da década de 1930 Palmério prestou concurso para juiz de direito e passou a exercer a profissão em Monte Carmelo. Entre 1934 e 1935, sabemos que atuava como juiz da comarca de Ituiutaba (SOCIAIS, 1935). Entretanto, o período de magistratura não durou muito tempo: no início de 1937, quando estava prestes a completar 70 anos, ele já estava aposentado e havia se fixado definitivamente em Uberaba (SOCIAIS, 1937), onde passaria a velhice. Francisco Palmério faleceria às três horas da madrugada de 25 de julho de 1947 (CERTIDÃO, 1988), uma semana depois de completar 80 anos, deixando os filhos José, Félix, Maria Lourencina, Eduardo, Maria Dolores, Maria Elisa, Lídia e Mário³. Na nota de falecimento publicada em **O Triângulo**, Palmério foi lembrado como um “magistrado íntegro e capaz”, portador de “um alto espírito de justiça e de idoneidade”, cujos filhos também haviam se tornado “pessoas altamente conceituadas nos círculos sociais de Uberaba e de São Paulo” (VIDA SOCIAL, 1947, p. 3). No **Lavoura e Comércio** o tom foi ainda mais apologético. O “ilustre morto” foi descrito como “uma das mais veneradas figuras da sociedade uberabense” e “um dos ornamentos da magistratura, em nosso Estado” (DR. FRANCISCO, 1947, p. 5).

A relação da cidade de Uberaba com os estrangeiros fora marcada por muitas ambiguidades. Em 1888, graças a uma imigração espontânea motivada pelo convite dos próprios parentes, o município já contava com aproximadamente cem italianos, que atuavam como pequenos proprietários e diretores de modestas indústrias (FONTOURA, 2001, p. 52). Com as obras da Mogiana em 1889, a região tornou-se um verdadeiro pólo de atração de engenheiros italianos especializados.

3 - O filho mais velho, Francisco de Paulo, havia falecido algum tempo depois de concluir o ginásio.

E a partir de 1892, com o início da imigração subvencionada pelo Estado de Minas Gerais, o ingresso de estrangeiros na cidade aumentou sensivelmente. Assim, entre portugueses, franceses, alemães, poloneses e árabes, dezenas de famílias de italianos se instalaram no município. Como mostrou Fontoura (2001), ainda que tendências xenofóbicas fossem expressas na imprensa local, esses imigrantes não se isolaram em comunidades fechadas, mas empreenderam esforços para integrar-se à sociedade uberabense. Além das associações de mútuo socorro, eles realizavam festejos comemorando datas significativas da cultura italiana e costumavam contar com o envolvimento da população urbana local. Até mesmo o centenário de Giuseppe Verdi, em 1913, foi celebrado no centro da cidade, com a participação da corporação musical ítalo-brasileira. Segundo Fontoura, os jornais publicavam com frequência notícias sobre as associações de estrangeiros, sendo que o **Lavoura e Comércio**, a partir dos primeiros anos do século XX, chegou a manter a “Sezione Italiana”, uma coluna editada em língua estrangeira, voltada exclusivamente ao público imigrante.

Contudo, o caso de Francisco Palmério é particularmente notável, pois, como vimos, mais do que apenas ser aceito pela sociedade uberabense, ele desfrutara de considerável prestígio em toda a região, obtivera um título na Guarda Nacional e chegara a ingressar no circuito de elogios recíprocos da imprensa regional. Não obstante, é curioso notar que, durante toda a sua vida profissional, ele ainda era oficialmente um imigrante, pois ainda não havia se naturalizado. Apenas em 11 de outubro de 1940, o italiano que morava havia cinquenta anos no Brasil seria oficialmente declarado cidadão brasileiro. Nessa ocasião, o **Lavoura e Comércio** registrou que essa medida “veio apenas tornar oficialmente brasileiro quem de há muito já o era pelos laços de afinidade que ligavam ao nosso país, e pelo direito de cidadão que aqui se radicou, constituiu família e adquiriu imóveis” (DECLARADO, 1940, p. 2).

Quando afirmamos que Francisco Palmério conquistara prestígio social, isso não quer dizer, necessariamente, que conseguira acumular fortuna. Ao contrário, as constantes transferências às quais se submetia para garantir uma fonte de renda adequada ao sustento de uma família cada vez mais numerosa sugerem muito mais uma instabilidade do que uma permanente prosperidade econômica. Quando decidiu cursar a Faculdade de Direito e prestar concurso público, é muito provável que a motivação que o atraía era sobretudo a estabilidade da magistratura, e não os rendimentos que cabiam a um juiz no interior. No que diz respeito aos descendentes, ainda que tivessem recebido boa instrução e possivelmente não sofressem graves dificuldades financeiras, não podemos dizer que viviam em uma família abastada.

Uma indicação disso é que, em geral, os filhos – e até mesmo as filhas – precisaram trabalhar por conta própria. Maria Lourencina, por exemplo, aos 19 anos, já era diretora-proprietária de sua própria escola de datilografia (UBERABA, 1940, p. 2). Eduardo formou-se em Odontologia e, antes de seguir a carreira de jornalista em São Paulo, abriu seu consultório, exerceu o ofício de diretor e redator de jornal, além de ter sido sócio-proprietário de uma livraria (SOCIAIS, 1940, p. 3). O caçula Mário, aos 20 anos trabalhava de escriturário na filial paulista do Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais (ATESTADO, 1968).

Um bom testemunho indireto que sugere a situação financeira da família pode ser identificado em uma crônica que Eduardo Palmério escreveria na segunda metade da década de 1940. Naquela ocasião, a imprensa discutia uma proposta do Senado que previa o aumento da remuneração dos magistrados. Provavelmente apoiado em sua experiência pessoal, Eduardo defendeu com ênfase essa medida, afirmando que os juízes brasileiros levavam uma vida incomum; pois, ao mesmo tempo em que ocupavam um cargo pleno de honrarias, tocavam o dia-a-dia com muitos sacrifícios financeiros.

A verdade manda dizer que o magistrado brasileiro sempre foi um abnegado. A magistratura não seduz nenhum bacharel como fonte de renda, como meio de alcançar fortuna, velhice farta e despreocupada. Quem se mete a juiz, salvo uma ou outra ignóbil exceção, é porque procura na vida desígnios diferentes do simples bem-estar econômico. E o que ganha atualmente a maioria dos nossos juízes absolutamente não chega para fazer face à manutenção decente de um cidadão, de um pai de família, cuja posição na sociedade impõe-lhes gastos tremendos (PALMÉRIO, 1949, p. 51)

Conclusões

Ao efetuarmos uma análise sobre a trajetória de Francisco Palmério, podemos identificar uma série de circunstâncias que, como procuraremos argumentar, não deixaram de condicionar a formação cultural, política e moral de seus filhos. Em primeiro lugar, inferimos que o fato de o italiano ter morado em todas aquelas cidades mineiras contribuiu para criar, na cultura da família, uma consciência regionalista bem particular. Nos diálogos domésticos, é bastante provável que pais e filhos trocassem impressões sobre os municípios onde residiram, mencionando pessoas, casos e particularidades de cada local. Além disso, a rede de contatos estabelecida nessas temporadas de trabalho certamente favoreceram laços econômicos, políticos e afetivos com muitas daquelas localidades, reforçando

ainda mais a presença regional no círculo familiar. Não é um despropósito imaginar, portanto, que essas circunstâncias tenham favorecido o desenvolvimento de um universo de referências comuns entre os filhos e, por conseguinte, despertado um senso de pertencimento e de identidade cultural.

Além disso, o ofício de agrimensor exercido pelo pai pode ter favorecido um interesse familiar mais espontâneo – ou, no mínimo, um conhecimento mais corriqueiro sobre os aspectos históricos, geográficos e topográficos da região. Essa consciência em relação ao território onde estavam situados aparentemente colaborou para que os filhos desenvolvessem uma noção razoavelmente bem elaborada da geopolítica intermunicipal. Félix se tornaria um dos mais influentes ideólogos regionalistas da emancipação territorial do Triângulo Mineiro, enquanto Mário chegaria a se apresentar como a liderança política capaz de concretizar esse ideal. Ambos procuravam justificar o separatismo através de peculiaridades históricas, geográficas e culturais da região. É interessante ainda lembrar que, nos romances de Mário Palmério, a descrição da geografia regional seria um dos elementos mais marcantes em sua literatura.

Não é difícil constatar que a formação profissional e intelectual de Francisco Palmério exerceu uma notável influência na instrução dos filhos. Antes de mais nada, inferimos que o fato de o italiano ter se dedicado ao estudo de História, Geografia e Português, com auxílio dos filhos, na ocasião dos exames para o ingresso na Faculdade de Direito, certamente mobilizou, de alguma maneira, o interesse da família como um todo. Mas a presença da educação paterna é particularmente evidente na profissão que os descendentes assumiram em suas vidas adultas. Não deve ser casual, por exemplo, que Félix tenha se tornado advogado e agrimensor; Maria Lourencina, professora; Eduardo, jornalista; e Mário, professor de Matemática. Lembremos que Francisco Palmério trabalhara precisamente como engenheiro, agrimensor, advogado, jornalista e professor de Matemática.

O gosto ou o interesse pela participação na política também parece ter sido um elemento bastante presente da cultura familiar. Vimos que, em Sacramento, Francisco foi um combativo defensor de um grupo partidário, chegando a ser sistematicamente hostilizado pelos grupos adversários. Por outro lado, seu status também favoreceu a convivência com as mais diversas lideranças regionais. Como veremos adiante, Eduardo se tornaria um cronista político e social de talento; Félix viraria um pesquisador diletante da história política regional e, como mencionamos, seria um ideólogo do emancipacionismo. Mário Palmério ingressou diretamente na política partidária e tornou-se, ele mesmo, deputado

federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Seus romances se tornaram referências indispensáveis para se estudar a atmosfera do coronelismo no interior brasileiro (SKIDMORE, 1979, p. 402).

Abstract

The article provides a quality biography of Francisco Palmério (1867-1947), father of the Brazilian writer Mário Palmério – renowned author of the **Vila dos Confins** (Novel, 1956) and **Chapadão do Bugre** (Novel, 1965). Through primary sources and documentary analysis, the research develops different interpretations about the paternal influences on the moral, cultural, intellectual and professional values that marked the first generation of the Palmério family in Brazil and specially compiled the experiences that would later be re-signified in the literary work and the personal trajectory of Mário Palmério. We noticed that his father's frequent business travels and his many other professional activities favored his family awareness towards the special traits of the regional culture in the State of Minas. His experience has encouraged the creation of economic ties, political and emotional bonds with the regional culture and encouraged his children to grow interest for a deep historical and geographical knowledge of the West part in the State of Minas in Brazil. In addition, the Palmério father seems to have had a profound influence on his children because they all have developed a taste for regional politics. The article narrates as to how all these experiences were important elements in the education of Mario Palmério, and that they would later reappear explicitly in his literature marked by the description of the nature of everyday life and regional political intrigue.

Key words: Regionalism; Regional Literature; Literature from Minas; Mário Palmério; **Vila dos Confins** (Novel); **Chapadão do Bugre** (Novel).

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. São Paulo: Zahar, 2001.

BRETTAS, Anderson C. F. João Derwil e o Collégio Miranda – uma instituição particular fundamentada no lazarismo no interior das gerais: Sacramento, 1889-1902. In: IV CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/7e_6.pdf>. Acesso em 8 set 2011.

FONTOURA, Sonia Maria. **A invenção do inimigo**: Racismo e Xenofobia em Uberaba 1890 a 1942. 2001. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.

FONTOURA, Sonia. **Dossiê de tombamento do Palacete Antônio Pedro Naves**. 2003. Uberaba. Fundação Cultural de Uberaba. Fotocópia.

HISTÓRIA e imagens da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Histórico da construção. **Companhia Mogiana de Estradas de Ferro**. Disponível em: <http://www.cmef.com.br/pp_construc.htm>. Acesso em 7 set 2007.

JACÓB, Amir Salomão. **Eurípedes Barsanulfo**: sob a luz da História. Goiânia: UCG/KELPS, 2006.

LOPES, Maria Antonieta Borges; REZENDE, Eliane Mendonça Marquez. **ABCZ**: história e histórias. 2 ed. São Paulo: Comdesenho Estúdio e Editora, 2001.

MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

MENEZES, Maria Lucia Pires. Juiz de Fora e a moradia popular: o Alto Santo Antônio. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Vol. VII, n. 146(133), 1 ago. 2003. Universidad de Barcelona. p. 741-98. Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(133\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(133).htm)>. Acesso em 3 set 2007.

OLIVEIRA, Manuela Lauriano da Silva. **Morte e vida de pequenas cidades**: espaço urbano e paisagem urbana de uma cidade de pequeno porte (Dores do Indaiá, Minas Gerais). 2008. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PALMÉRIO, Eduardo. **100 comentários**: separados do B.O.D.E. (Boletim oficial dos Estados). Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo Paulo. TRÍADE DO MAL: civilização dos fracos no mundo do trabalho. Minas Gerais, 1889-1930. **Projeto História**, São Paulo, n. 39, p. 179-208, jul/dez. 2009. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/5841/4192>>. Acesso em 8 set 2011.

SILVA, Heladir Josefina Saraiva e. **Representação e vestígio da (des)vinculação do Triângulo Mineiro**: um estudo da imigração italiana em Uberaba, Sacramento e Conquista (1890-1920). 1998. 179 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 1998.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1934-1964). 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

Fontes primárias

- À REDAÇÃO e ao público. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 15 nov. 1903. p. 3.
- ALMANAK Uberabense. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 27 nov. 1902. p. 2.
- ANAIS do Colégio Diocesano: 1902-1917. Uberaba. [Arquivo Colégio Marista de Uberaba]
- ANJO. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 18 abr. 1903. p. 3.
- ATESTADO. Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S/A. Belo Horizonte. 20 jun. 1968. Atestado. Fotocópia. [Centro de Documentação e Informação Mário Palmério].
- ATTO di nascito, Torre de Passeri, 12 fevereiro 1890.
- CERTIDÃO de óbito. Cartório do registro civil das pessoas naturais. Oficial: Yvonne Sallum Machado. Uberaba. 16 set. 1988. folha 227v, livro C27, n. 415. Certidão. Fotocópia.
- CIDADE do Sacramento. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 20 nov. 1902a. p. 2.
- CIDADE do Sacramento**, Sacramento, 20 nov. 1902b. p. 3.
- CIDADE do Sacramento**, Sacramento, 9 maio 1903a. p. 3.
- CIDADE do Sacramento**, Sacramento, 7 nov. 1903b. p. 3.
- COMO fomos recebidos. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 1 jan. 1903. p. 2.
- CORREIO de Minas. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 28 mar. 1903. p. 2.
- DECLARADO cidadão brasileiro o sr. dr. Francisco Palmério. **Lavoura e Comércio**, Uberaba. 28 nov. 1940. p. 2.
- DR. Francisco Palmério. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 29 ago. 1903a. p. 2.
- DR. Francisco Palmério. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 17 out. 1903b. p. 3.
- DR. Francisco Palmério. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 25 jul. 1947. p. 5.
- ESCRITÓRIO de Advocacia e Engenharia. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 20 nov. 1902. p. 3.
- EXPOSIÇÃO Agro-pecuária de Uberaba. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 20 abr. 1911. p. 1.

- FARÇA (sic) ignóbil. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 29 abr. 1903. p. 1.
- INFÂMIA e selvageria. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 25 abr. 1903. p. 1.
- PRO Veritas. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 1902. [Recorte de jornal danificado, com data provável de 18 dez. 1902].
- CERTIDÃO de casamento, expedida pelo escrivão David Monteiro Aragão, em Rio Novo (MG), 11 abr. 1989. Certidão. Fotocópia.
- HÓSPEDE ilustre. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 16 set. 1903. p. 3.
- IGREJA Matriz de Uberaba. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 25 mar. 1903. p. 2.
- MANIFESTAÇÕES. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 25 dez. 1902. p. 4.
- O ATENTADO de 1º de agosto. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 8 ago. 1903. p. 2-3.
- OS ADVOGADOS Francisco Palmério e Joaquim Limírio Mundim. **Monte Carmelo**, Monte Carmelo, 19 mar. 1922. p.1.
- PALMÉRIO, Francisco. Uma explicação e uma resposta. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 26 mar. 1903. p. 1.
- PREFEITURA Municipal de Dorés do Indaiá. Disponível em: < http://www.doresdoindaia.mg.gov.br/html/conheca_cidade/simbolos.htm>. Acesso em: 2 set. 2011.
- PRO veritas. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 4 dez. 1902. p. 3.
- PRO veritas. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 1902. [Edição danificada. Provavelmente entre 11 e 18 de dezembro de 1902]
- SEM comentários. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 1902. [Edição danificada. Provavelmente entre 11 e 18 de dezembro de 1902].
- SOCIAIS. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 1 mar. 1935.
- SOCIAIS. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 1 mar. 1937.
- SOCIAIS. **Lavoura e Comércio**, Uberaba. 1 nov. 1940. p. 3.
- TESTAS-DE-FERRO. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 26 mar. 1903. p. 2.
- UBERABA conta com mais uma modelar casa de ensino. **Lavoura e Comércio**, Uberaba. 9 maio 1940. p. 2.
- UMA EXPLICAÇÃO e uma resposta. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 26 mar. 1903. p. 1.

VIDA social. **O Triângulo**, Uberaba, 25 jul. 1947. p. 3.

VISITA ilustre. **Cidade do Sacramento**, Sacramento, 27 nov. 1902. p. 3.

Trabalhos sobre Mário Palmério

AIDAR, Maria Aura Marques. **Os confins de Mário Palmério**: História e literatura regional. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos sobre quatro regionalistas**: Bernardo Elis, Caro Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmério. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1968.

ALVES, Ieda Maria. O vocabulário regional em “Vila dos Confins”. **Linguagem**, Rio de Janeiro, v. 4-5-6, n. Supl, p. 106-110, 1985.

ASSIS, Lélia Maria Silva de. **Poder e coronelismo no oeste de Minas Gerais**: a relação entre história e literatura na obra de Mário Palmério. 2007. 48 f. Monografia (Especialização em História Regional) - UniBH, Belo Horizonte, 2007.

BAGATTA, Marlene Tisséo. **Os desvios como base do processo criativo da linguagem de Mário Palmério em Chapadão do Bugre**. 1981. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 1981.

FONSECA, André Azevedo da. **A Consagração do mito Mário Palmério no cenário político do Triângulo Mineiro (1940-1950)**. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2011.

FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do chapadão**: leitura e análise dos romances de Mário Palmério. 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FROTA, Maria Helena de Arantes. Mario Palmerio's tragic discourse. 1988. 152 f. Tese (PhD) - Stanford University, Estados Unidos, 1988.

HAUILA, Antonio Hauila. **Alguns aspectos da expressividade sufixal em Vila do Confis**. 1977. 58 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1977.

HOUAISS, Antonio. Sobre a linguagem de “Vila dos Confins”. **Revista do Livro**. Rio de Janeiro, INL/MEC, v. 3. n. 9, p. 121-153, mar 1958a.

HOUAISS, Antonio. Sobre a linguagem de “Vila dos Confins”. **Revista do Livro**. Rio de Janeiro, INL/MEC, v. 3. n. 10, p. 137-164, jun 1958b.

MARTINS, Wilson. O instinto da literatura. In: MARTINS, Wilson: **Pontos de vista: crítica literária**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994. v.7. 1966/1967. p. 23-28.

MELO, Walter Santiago de. **Os discursos direto e indireto livres e sua realização na obra de Mário Palmério**. 1974. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

MICALI, Danilo Luiz Carlo. **Ficção, História e Regionalismo em Vila dos Confins, de Mário Palmério**. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP), Araraquara, 2003.

PEDROSO, Márcia Maria. **Cotidiano e História na obra O chapadão do Bugre de Mário Palmério**. 2004. 30 f. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em História do Brasil) - Campus Avançado de Catalão Ufg. Orientador: Regma Maria dos Santos

SALLES FILHO, Antonio. **A negação e sua expressão sintática em Vila dos Confins, de Mário Palmério**. 1976. 203 f. Tese (Livre-docência em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976.

VINAUD, Naiara Cristina Azevedo. **A transformação do espaço geográfico em espaço literário, em Vila dos Confins, de Mário Palmério**. 2008. 83 p. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

